

A CONVERGÊNCIA SOCIALISTA COMO MOVIMENTO, DEPOIS TENDÊNCIA NA SITUAÇÃO POLÍTICA 1977-1983*

SOCIALIST CONVERGENCE AS A MOVEMENT, THEN A TREND IN THE
POLITICAL SITUATION 1977-1983



Raoni Araújo Lopes ¹

Este capítulo buscará apontar alguns elementos do contexto histórico considerando a etapa de consolidação do trotskismo no Brasil, relacionado com o surgimento das organizações políticas e com a abertura do regime a partir de 1979. Isso não aconteceu apenas devido aos interesses dos governos militantes, mas também, por meio de uma reorganização quase completa da classe trabalhadora que levou parte dos setores industriais a enfrentar o regime.

No primeiro ponto, apresentamos a origem do Trotskismo como ideia e como corrente do movimento comunista internacional, considerando o histórico em torno da disputa política e teórica dos caminhos das revoluções russas após Vladimir Lenin. Aqui, percebe-se a diferença de Leon Trotsky e seus partidários, assim como do movimento posterior que corresponde ao objeto desta pesquisa. Isso busca alcançar o período ainda anterior ao nosso objeto de estudo.

O segundo ponto considera o contexto político brasileiro a partir das organizações que surgem, como os primeiros passos da Convergência Socialista como tática política na reorganização partidária até sua presença no Partido dos Trabalhadores no início da década de 1980. Isso relaciona com a atividade política no exterior, quando o grupo antecessor encontra com o velho Mario Pedrosa e a corrente trotskista latino-americana, o morenismo.

O terceiro ponto aponta elementos da formação do Partido dos Trabalhadores a nível nacional e regional, considerando um trabalho anterior que foi o primeiro passo para o resgate desta trajetória regional. Essa foi uma

* Este trabalho trata-se do Relatório de Qualificação do trabalho de mestrado “O trotskismo em Manaus como experiência de classe”, de Raoni Araujo Lopes.

¹ Historiador graduado pela UNINORTE e mestrando no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Amazonas (PPGH-UFAM). Faleceu em 18 de novembro de 2022, deixando um grande legado de militância e saudades eternas em seus familiares e amigos.



organização que nasceu com a característica do seu tempo, porém com elementos novos, promovendo uma iniciativa política muito além lógica socialdemocrata ou comunista soviética. Isso está presente em um jornal petista regional.

O quarto e quinto pontos abordados neste capítulo serão sobre como a Convergência se apresentava no cenário nacional, a partir de sua imprensa alternativa, onde denuncia ainda os muitos limites jurídicos e políticos no final da ditadura militar. E quais foram os primeiros passos dessa organização a nível regional, onde apresenta-se algumas figuras e a forma de atuação dentro da década 1980.

As fontes utilizadas correspondem a estudos como monografias e a bibliografia relacionada ao trotskismo como movimento político no Brasil e na América Latina. Além do próprio jornal *Convergência Socialista* que é verificando a partir de algumas questões como legalidade e legitimidade das leis e estatuto, como as práticas das autoridades.

Origem do trotskismo no Brasil

João Rebouças começou apresentando a base histórica, porque não dizer teórica, da formação e da presença do trotskismo no Brasil: a disputa entre Leon Trotsky e Josef Stalin. Sim, entre as duas figuras mais relevantes das revoluções russas havia entendimentos diferentes sobre os rumos dos comunistas naquele cenário internacional.² Contudo, quem se consolidou no poder na União Soviética foi Josef Stalin. Certamente esse grupo vencedor será a corrente hegemônica dentro do movimento comunista durante todo o século XX, onde parte da teoria e ação dos trotskistas se relaciona.

Depois, conforme João Rebouças, apresenta-se uma das figuras mais importantes do trotskismo no Brasil, o militante e jornalista Mario Pedrosa³. Ele,

² Conforme, Osvaldo Coggiola, o que distinguiu a fração trotskista das demais presente no PCUS por dois motivos: a sua continuidade política e organizativa que se manteve muito depois da derrota completa; e sua projeção mundial chegando a uma fração da Internacional Comunista. In: O trotskismo na América Latina, 1984.

³ **Mário Xavier de Andrade Pedrosa** (1900-1981) foi um militante político e jornalista, destacando-se como articulista político e, especialmente, como crítico de arte. Iniciador das atividades da Oposição de Esquerda Internacional no Brasil, organização liderada por Leon Trotsky, nos anos 1930 e da crítica de arte moderna brasileira, nos anos 1940. O detalhe interesse ainda participará da formação do Partido dos Trabalhadores na década 1980.



ainda militando no Partido Comunista do Brasil (PCB) na década de 1930 em viagem à Rússia, entra em contato com as teses ‘trotskistas’ sobre a União Soviética, como a Teoria da Revolução Permanente. Porém, o que nos é importante agora e foi propósito do autor, considerar sua iniciativa posterior. Neste caso, o faz por fora do PCB, mas exatamente numa fração do partido, na Liga Comunista Internacionalista. E foi este mesmo grupo que passou a ter influência nos trabalhadores gráficos de São Paulo.⁴ A primeira categoria a ter a presença das ideias de trotskista no Brasil.

Devido à repressão do governo Getúlio Vargas, principalmente depois da chamada ‘Intentona Comunista’ (1935), a Liga Comunista Internacionalista é desmantelada. Em 1936, há uma tentativa de reorganização do movimento trotskista com Mario Pedrosa a partir da fundação do Partido Operário Leninista (POL), mas que não se consolida. Ainda na década 1930, houve outras divisões/rupturas dentro do PCB, com Hermínio Sachetta⁵ que se junta ao POL que se reorganiza no Partido Socialista Revolucionária (PSR), experiência que vai durar até a década 1950.

O período entre as décadas de 1950 a 1970 é considerado por João Rebouças a partir de duas experiências, após a dissolução do PSR. Primeira, em 1953, surgiu o POR – Partido Operário Revolucionário – que recebeu a influência de Michel Pablo e depois J. Posada, com presença maior no nordeste brasileiro. Por segundo, em 1972, o POC – Partido Operário Comunista – adere ao Secretariado Unificado (SU)⁶, defendendo primeiramente a guerra de guerrilha, depois a intervenção na luta de classe através de organizações operárias, porém se dissolve em 1978.⁷ (Em meados da década de 1970, ocorreram a formação de duas organizações significativas que reivindicam as ideias de Leon Trotsky, conforme apresenta Rebouças. Uma, em 1976, é a Organização Socialista internacionalista (OSI) e a outra é a Liga Operária, da qual se originou a Convergência Socialista (CS). E, de acordo com autor, “de todas as tendências que irão compor o Partido dos

⁴ REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 13.

⁵ **Hermínio Sachetta** (1909-1982) foi jornalista e militante trotskista. Em 1928, formou-se bacharel em Ciências e Letras. Inicia sua carreira profissional em 1928, como revisor do Correio Paulistano, passando depois por importantes jornais daquela época como a Folha da Manhã.

⁶ **POC - Partido Operário Comunista** foi uma organização brasileira de esquerda que combateu a Ditadura militar no Brasil (1964-1985) no intuito de implantar o comunismo no país, tendo se originado no final dos anos 1960 a partir de outra organização denominada POLOP.

⁷ REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 14.



Trabalhadores, a Convergência Socialista será a corrente trotskista com maior expressão. Por defender posições classistas, isto é, nenhum acordo com setores ditos burgueses, a CS será expulsa em 1992 e, juntamente com outros setores discordantes das posições da direção do PT, formará o PSTU”⁸.

A origem da Convergência Socialista e a etapa do trotskismo brasileiro

No artigo, *Trotskyismo no Brasil*, Dainis Karepovs e Murílio Leal⁹ iniciam constituindo um marco histórico – 1º de maio de 1977 – como o ponto de modificação completa da dinâmica pela qual passou o trotskismo como corrente do pensamento radical no Brasil. Esse era um contexto histórico no qual ainda havia censura na imprensa, e no cárcere havia presos políticos e lideranças operárias e populares, ou outros continuavam no exílio. Isto é, a situação política continuava sendo de exceção, onde os militares dominavam o Estado brasileiro.

A *Liga Operária* exerceu papel importante na promoção do 1º de maio de 1978 do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, reunindo milhares de trabalhadores. Ali, sentavam-se à mesa de trabalhos desde delegados da DRT (Delegacia Regional do Trabalho) até lideranças estudantis da USP (Universidade de São Paulo). Contudo, figuras políticas famosas como Orestes Quécia se fizeram presentes.¹⁰ O detalhe é a presença de um representante da Convergência Socialista. Conforme Leal e Karepovs, sobre a presença deste grupo na reunião “vendeu ali mais de mil jornais divulgando as suas posições. Onze dias depois, teria início a greve na Saab-Scania, na vizinha São Bernardo do Campo”¹¹. Será que foi uma coincidência ou cenário já estava dando esse tipo de iniciativa?

No final da década 1970, temos uma quantidade significativa de jornais como *Em tempo* (1977) e *O Trabalho* (1979). Porém, em agosto de 1977, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo inicia uma campanha de reposição de perdas salariais, decorrente da manipulação dos índices da inflação pelo

⁸ REBOUÇAS, João. **O Trotskyismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 15

⁹ REDENTI, Marcelo e REIS, Daniel A. *História do Marxismo no Brasil*. Volume 5. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

¹⁰ **Orestes Quécia (1938-2010)** foi um político brasileiro, filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Foi o 28º governador do estado de São Paulo.

¹¹ KAREPOVS, Dainis e LEAL, Murilo. Os trotskismos no Brasil: 1966-200. In: **Hist. Marxismo no Brasil**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, p. 154



governo, que logo depois, é revelada pelo Banco Mundial¹². O jornal *Em Tempo* noticia esse 'segredo de Estado', e a campanha salarial desembocaria na greve de 1978¹³.

Desta maneira, a partir destes elementos, Leal e Karepovs caracterizam o contexto histórico como “primeiros contornos de uma nova conjuntura”. E mais, “a Ditadura começa a perder fôlego político e o problema de sua superação delineava-se para as próprias forças que a apoiavam”¹⁴

Para Leal e Karepovs, há uma relação entre o cenário político e essas organizações, o que coloca em questão algumas perguntas. Era possível articular o movimento pelas liberdades democráticas com a luta por uma sociedade socialista? Como seria feita a transição? Questões em torno da classe trabalhadora voltam à cena do ABC paulista. De fato, alguns elementos entram nesta reflexão: a partir de 1983, estabelece uma renovação sindical, antes em 1979 temos a Carta de Princípios do PT (Partido dos Trabalhadores) e refundação da UNE e da UBES (1979, 1982 respectivamente)

Conforme Leal e Karepovs, “os trotskistas tiveram um papel destacado nesse processo, maior, talvez, do que em qualquer momento anterior da História Política Brasileira – talvez porque estivesse em melhores condições de participar do novo ascenso operário e popular de forma como este se dava”¹⁵. Primeiro, estavam desligados da tradição stalinista, como também, poucos vinculados ao Secretariado Unificado.

A trajetória da *Liga Operária à Convergência Socialista* pode ter como marco a prisão de Zé Maria¹⁶, em 1977, quando tece seu contato inicial com a *Liga Operária* em Santo André. Naquele instante, esta organização aplicava a seguinte política: o deslocamento de estudantes para as fábricas com propósitos políticos. O grupo, que promove seu Segundo Congresso, sendo o primeiro no Brasil, é

¹²KAREPOVS, Dainis e LEAL, Murilo. Os trotskismos no Brasil: 1966-200. In: **Hist. Marxismo no Brasil**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, p. 155.

¹³ KAREPOVS, Dainis e LEAL, Murilo. Os trotskismos no Brasil: 1966-200. In: **Hist. Marxismo no Brasil**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, p. 155.

¹⁴ KAREPOVS, Dainis e LEAL, Murilo. Os trotskismos no Brasil: 1966-200. In: **Hist. Marxismo no Brasil**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, p. 155

¹⁵ KAREPOVS, Dainis e LEAL, Murilo. Os trotskismos no Brasil: 1966-200. In: **Hist. Marxismo no Brasil**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, p. 156

¹⁶ **Zé Maria ou José Maria de Almeida** (1957) é um político brasileiro, metalúrgico e dirigente do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU). Foi candidato à Presidência da República em 1998, 2002, 2010 e 2014.



produto do contato de militantes exilados no Chile com trotskistas históricos como Mario Pedrosa¹⁷.

Nove exilados criam o grupo *Ponto de Partida* e aderem à Quarta Internacional – Secretariado Unificado por meio de Peter Carnejo, militante SWP (Socialist Workers Party), depois adere à Tendência Leninista-Trotskista (TLT) que dentro da Internacional tinha uma linha política de oposição à tática de apoio à guerrilha (adotada pela maioria da Internacional)¹⁸. Porém, em setembro de 1973, parte deste grupo fugiu para a Argentina, entrando em contato com Nahuel Moreno, dirigente de um dos partidos integrantes da TLT.

Lá, eles editavam o jornal mimeografado *'Independência Operária'*, mantido na volta clandestina em 1974, sendo editado até 1978. E não se restringiu à imprensa operária. Segundo Leal e Karepovs, interviram nas eleições: “a Liga apoiou candidatos que defendiam posições consideradas socialistas dentro do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Em julho de 1977, em uma conferência, a organização resolveu denominar-se Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), o qual, no início de 1978, lançou o movimento Convergência Socialista”¹⁹.

Conforme Leal e Karepovs apresentam, houve uma evolução em relação à atuação na imprensa, logo na primeira participação de uma publicação anterior, antes da promoção do próprio jornal. Isso aconteceu durante a publicação da revista *Versus*, onde, ainda como PST, entra na redação em 1977. No ano seguinte, os trotskistas 'controlam' a revista, e o último número circula em outubro de 1978, sem Marco Faerman²⁰. Isso é decorrência também da desagregação da 'frente jornalística'. Isto é, naquele instante, o que promovia a publicação era uma unidade ou o esforço em conjunto entre os jornalistas que compunham a redação.

¹⁷ KAREPOVS, Dainis e LEAL, Murilo. Os trotskismos no Brasil: 1966-200. In: Hist. Marxismo no Brasil. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, p. 157

¹⁸ KAREPOVS, Dainis e LEAL, Murilo. Os trotskismos no Brasil: 1966-200. In: Hist. Marxismo no Brasil. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, p. 158

¹⁹ KAREPOVS, Dainis e LEAL, Murilo. Os trotskismos no Brasil: 1966-200. In: Hist. Marxismo no Brasil. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, p. 158

²⁰ **Marcos Faerman** (1943-1999) foi um jornalista, professor e administrador cultural brasileiro. Trabalhou em diversos veículos da chamada imprensa alternativa e tornou-se conhecido pela prática do jornalismo literário.



Assim, “em março desse ano, fora lançado o número zero do jornal *Convergência Socialista* que passou a sair quinzenalmente a partir de julho”²¹. Ainda há outros dados: de 1983 a 1992, enquanto circulou, saiu de uma tiragem de 5400 para 9000 exemplares. Isto é, não resta dúvida que o *Versus* fora fundamental no apoio ao lançamento do *Convergência Socialista*, que ocorreu no dia 28 de janeiro de 1978 em uma reunião com aproximadamente 300 pessoas, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. E considera que o PST, anterior à *Convergência*, ganha outro perfil social, antes maioria de estudantes para trabalhadores de diversos ramos.

Neste período pequeno de três anos, entre 1977-79, apresentam-se outros elementos no cenário político que levam a questões pertinentes na esquerda em torno do fim da ditadura, a reestruturação partidária e o novo partido – o Partido dos Trabalhadores. O primeiro, em outubro de 1978, com a vitória de João Figueiredo no Colégio Eleitoral; logo em seguida, em agosto de 1979 aprova-se a lei da Anistia; e ainda no final daquele ano, em dezembro, aprova-se a lei orgânica dos partidos políticos, por tanto:

os três acontecimentos definiram os limites e formas de uma transição democrática controlada e elitista. A lei da Anistia beneficiou as vítimas da ditadura, mas também os torturadores”. Por sua vez, a reorganização partidária foi aproveitada pelo crescimento do movimento operário e popular para a fundação do PT²²

Neste contexto, o jornal *Convergência Socialista* foi lançado em 1978. Ali, de fato, a abertura política estava acontecendo, com o fim do bipartidarismo, trazendo novos elementos para a análise e ação dos trotskistas em geral. De acordo com Leal e Karepovs, o que resume a questão está num artigo de Chico de Oliveira, na revista *Versus*, onde propõe-se às oposições se articularem com uma saída para classe trabalhadora.

Afinal, qual foi a iniciativa da *Convergência*?

Apresentar um projeto de Partido Socialista. Não tão diferente de outras iniciativas, como a chapa de Euler Bentes, reconstrução do PTB ou lançamento de um PS por Almino Afonso. Isso aconteceu, em certa medida, com a presença de

²¹ KAREPOVS, Dainis e LEAL, Murilo. Os trotskismos no Brasil: 1966-200. In: Hist. Marxismo no Brasil. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, p. 159

²² KAREPOVS, Dainis e LEAL, Murilo. Os trotskismos no Brasil: 1966-200. In: Hist. Marxismo no Brasil. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, p. 166.



vários intelectuais, até promoveu espaços de construção na iniciativa de Afonso. Porém, a Convergência, em agosto de 1978, promove sua primeira convenção com 150 delegados de sete estados. Essa iniciativa acontece dentro dos moldes da tradição marxista: programa discutido previamente nos núcleos organizados e inspirado pelo ‘Programa de Transição’ de Leon Trotsky. E ainda mais:

o Partido Socialista era apresentado como alternativa ao reformismo, ao populismo e ao esquerdismo (...) foram apresentadas palavras de ordem em defesa do nível da vida dos trabalhadores, por melhores condições de vida e trabalho (...) defendendo-se a convocação de uma assembleia constituinte livre, democrática e soberana, com livre participação dos partidos operários e populares²³.

Entretanto, os autores apontam uma questão: a recusa em diluir a luta dos trabalhadores em iniciativas burguesas de democratização, frentes populares e qualquer outra que leve ao governo do país no capitalismo. O interessante é a leitura ou imagem da Convergência Socialista sobre a classe média, apresentada como “semi-explorados dos trabalhadores em suas empresas” e não apenas isso, mas o meio da promoção da atividade política: a luta da libertação nacional da dominação imperialista contra o regime capitalista e a burguesia nacional²⁴.

Porém, os autores apresentam outra questão. Em agosto deste mesmo ano (1978), a prisão de 19 militantes em São Paulo, entre eles Nahuel Moreno.²⁵ E mais, a Convergência Socialista acabou não sendo o polo de aglutinação da vanguarda socialista ampla. Esse papel quem desempenhou foi o PT. E isso não deixou de acontecer sem a participação dos trotskistas, como na Carta de Princípios.

Aquele documento incorporava muitas das ideias pelas quais se vinham batendo os trotskistas: afastava qualquer possibilidade de trabalho com o MDB, onde prevaleciam os interesses dos patrões; definia o novo partido como dos trabalhadores, sem patrões; declarava a intenção de implementar núcleos e regiões; afirma compromisso com socialismo e a democracia²⁶.

²³ KAREPOVS, Dainis e LEAL, Murilo. Os trotskismos no Brasil: 1966-2000. In: **Hist. Marxismo no Brasil**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, p. 169.

²⁴ KAREPOVS, Dainis e LEAL, Murilo. Os trotskismos no Brasil: 1966-2000. In: **Hist. Marxismo no Brasil**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, p. 170.

²⁵ **Hugo Miguel Bressano Capacete**, também conhecido como Nahuel Moreno (1924-1987) na mesma cidade, foi um líder revolucionário argentino, dirigente da IV Internacional. Fundador da corrente internacional trotskista LIT-QI.

²⁶ KAREPOVS, Dainis e LEAL, Murilo. Os trotskismos no Brasil: 1966-2000. In: **Hist. Marxismo no Brasil**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, p. 171.



Os autores apresentam duas leituras sobre o fato de o movimento Convergência não ser o polo. Primeiro, do começo amplo à vanguarda houve falta de flexibilidade no programa e estrutura da organização. Segundo, as personalidades políticas não aceitavam uma convivência com o grupo que impulsionava aquela iniciativa.

Os autores afirmam que o movimento influenciado pelos trotskistas não era no molde a atrair personalidades como Brizola ou Almino Afonso²⁷. Aliás, ainda no segundo semestre de 1978, ocorrem eleições legislativas onde a Convergência Socialista apoia candidatos 'classistas e socialistas' dentro do MDB (em RS, SP, RJ e MG). Essa iniciativa foi uma preparação para a construção do Partido dos Trabalhadores²⁸.

Entrando no PT, a Convergência Socialista se constrói como um “setor de trabalhadores socialistas”. Isso gera também uma crise. Além disso, se consolidam em qualquer abordagem sobre a própria Convergência Socialistas dois elementos: como uma tendência interna do partido, onde delimita a partir de suas posições radicais; e outro, de uma divisão pública, dentro da máxima – partido dentro do partido.

Em julho de 1980, já se fala em uma “volta às origens” quando um encontro partidário define o PT como “partido de massa, amplo e aberto, baseado nos trabalhadores do campo e da cidade”²⁹. Contudo, os autores mostram que a Convergência Socialista continuou engajada no PT, participando de sua legalização em dezembro 1981.

Em campanha em 1982, a CS e a Organização Socialista Internacionalista, em processo de fusão, lançam uma plataforma para o PT. Essa defendia questões gerais e específicas, como o fim da Lei de Segurança Nacional ou uma CUT livre e democrática; do aumento dos salários ao não pagamento da Dívida Externa. E, por fim, defendia que o PT teria candidaturas próprias num voto contra a ditadura ³⁰

²⁷ KAREPOVS, Dainis e LEAL, Murilo. Os trotskismos no Brasil: 1966-2000. In: **Hist. Marxismo no Brasil**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, p. 172.

²⁸ KAREPOVS, Dainis e LEAL, Murilo. Os trotskismos no Brasil: 1966-200. In: Hist. Marxismo no Brasil. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, p. 172.

²⁹ KAREPOVS, Dainis e LEAL, Murilo. Os trotskismos no Brasil: 1966-200. In: Hist. Marxismo no Brasil. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, p. 173.

³⁰ KAREPOVS, Dainis e LEAL, Murilo. Os trotskismos no Brasil: 1966-200. In: Hist. Marxismo no Brasil. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, p. 174.

A formação do Partido dos Trabalhadores

Há uma dúvida sobre a origem, da ideia, sobre um partido dos trabalhadores. Uns dizem que a ideia surgiu num congresso petrolero na Bahia em 1978, outros entendem que foi em um congresso metalúrgico em 1979 a proposta efetiva. De fato, esta organização teve sua origem essencialmente entre os trabalhadores brasileiros. Isso é um salto quantitativo (e, em certa medida, qualitativo) para as esquerdas reaparecerem institucionalmente no período da transição do regime de exceção para o democrático de direito.

Por que entendemos que existe um salto quantitativo? Primeiro, porque a quantidade de organizações políticas que surgiram, inclusive dentro da tradição trotskista, supera o instante anterior até o início da ditadura militar na década de 1960. Segundo, também, há um acúmulo político a partir das experiências soviética, chinesa e cubana de países não capitalistas, inclusive em torno da democracia como parte do processo político, um tema ainda presente na esquerda brasileira.

Conforme Vieira, há três instantes formais de constituição do Partido dos Trabalhadores a nível nacional. Entendemos que o reconhecimento instrucional da lei dos partidos políticos é parte desse salto qualitativo e o propósito, em certa medida, dos principais sujeitos presentes na formação do partido. Portanto, em outubro de 1979³¹, temos a reunião que aprova a Declaração Política, logo o pontapé efetivo para uma legenda legal ainda no regime autoritário brasileiro.

Em fevereiro de 1980, instala-se o primeiro órgão partidário: a Comissão Provisória, que publica o Manifesto do Partido dos Trabalhadores. Ainda neste mesmo ano, em maio, aconteceu a Convenção Nacional que aprovou Programa e Estatuto. Este processo tem a participação de sujeitos políticos com relações diferentes com o regime e o sistema econômico, refletindo distintas tradições políticas, de católicos progressistas ao 'novo sindicalismo', tendo a esquerda marxista composto unitariamente um partido independente, oposicionista e radical.

³¹ VEIRA, Gerson Peixoto. As origens do PT em Manaus. Monografia (1999), p. 10.



Vieira registra a fala da principal figura do Partido dos Trabalhadores (PT), uma das principais lideranças do 'novo sindicalismo', Luiz Inácio Lula da Silva: “O partido é a ferramenta que nos permitirá (...) e transformar o poder neste país. Em nossa luta, a atividade partidária deve complementar a sindical, sem que uma queira substituir a outra”³². Isto é, naquele instante no início da década de 1980, as diversas formas institucionais de ação política [sindicato e partido], foram parte específica daquela nova esquerda brasileira. Como será que os trotskistas responderam?

Em geral, todas as organizações trotskistas, independentemente de suas relações internacionais, foram ao PT construí-lo como oportunidade legal de atividade política. Porém, Vieira nos apresenta uma leitura interessante sobre parte dos grupos que passaram a compor o partido. Ele entendeu que havia os 'militantes esparsos' de grupos da esquerda revolucionária, e prevalente os marxistas revolucionários, que foram “derrotados pelo regime militar, à procura de uma atuação política mais próxima do cotidiano dos trabalhadores”³³.

Essa é uma imagem muito comum por sinal, quando nos debruçamos sobre as trajetórias das esquerdas dentro do Partido dos Trabalhadores. Evidencia a relação política, principalmente do autor, diante da presença das tradições revolucionárias, como os trotskismos. Essa é uma questão entre o passado e o presente, porque tanto na escrita da história como na correlação de forças interna e externa do partido, naquele contexto havia a exigência de justificar a opção pelo partido em comum.

Portanto, ao abordar a origem daquela que ainda é uma das maiores organizações da esquerda brasileira, o Partido dos Trabalhadores, identificamos alguns sujeitos e datas que compreendem ao aspecto formal e institucional num esforço unitário. Logo apresentando-se, também, em aspectos (quantitativo e qualitativo) a particularidade histórica daquele novo sujeito na cena política brasileira. Isso fica mais evidente quando abordados os documentos históricos, produtos das discussões, instâncias e decisões de mulheres e homens, ativistas, militantes e simpatizantes da nova esquerda.

³² VEIRA, Gerson Peixoto. As origens do PT em Manaus. Monografia (1999), p.12.

³³ VEIRA, Gerson Peixoto. As origens do PT em Manaus. Monografia (1999), p.12.



O Manifesto do Partido dos Trabalhadores é um documento político, agora de referência histórica, que refletiu uma leitura crítica sobre a realidade brasileira, sob bases de valores marxistas. Já que o PT necessitava intervir na cena brasileira para transformar, elegendo o trabalhador como sujeito político em busca da democracia, onde esse mesmo foi considerado pela ditadura civil-militar um cidadão de segunda classe. Por isso, era hora das “grandes majorias que constroem a riqueza da nação querem falar por si mesma”³⁴.

A compreensão destas questões colocadas acima – o documento e o seu sujeito que é eleito para propósito partidário – é essencial para uma reflexão sobre o tipo novo de organização promotora da atividade e ação política; ainda mais, se comparamos com a representação que parte da esquerda, inclusive os trotskistas, tinha sobre o militante, o ativista, o filiado e o simpatizante. Isso é a chave, ou uma parte dela, para entender as experiências diferenciadas e específicas, dentro e fora, em qualquer região, das próprias tradições marxistas revolucionárias.

No trotskismo, o Partido, com pê maiúsculo, é o centro da atividade política que reflete teoria e ação [e atividade] revolucionária. Os elementos de confiança, unidade e solidariedade são a base subjetiva presente em qualquer trajetória coletiva ou individual que abordamos. Esse é um dos elementos da consciência de classe discutida por Karl Marx no século XIX. Até pode nos apontar a relação dos indivíduos com aquele coletivo, seja um militante, dirigente ou simpatizante.

Porém, o Partido dos Trabalhadores nasceu considerando a base subjetiva, não considerando o aspecto organizativo, porque todos os filiados têm o poder político dentro desta nova organização. Diferente, qualquer organização que reivindica a tradição trotskista, onde nem todos têm o mesmo peso político, logo o militante é quem vive o Partido, logo deve decidir efetivamente os rumos desta ou daquela organização política. O PT e os trotskismos conciliam concepções distintas e, em certa medida, uma novidade na esquerda brasileira.

Vieira, ainda abordando as origens do PT, buscou, através da presença de duas tendências internas, mostrar qual era a dinâmica e a correlação de força

³⁴ Manifesto do Partido dos Trabalhadores. *Movimento Pró-PT*, em fevereiro de 1980, e publicado no *Diário Oficial da União* de 21 de outubro de 1980.



política. Uma é a Convergência Socialista, reconhecidamente trotskista; e a outra, a Articulação 113, representando a concepção “petista” de partido. Logo “quase todos no PT defendem posições socialistas, ainda que elas não sejam coincidentes, indo da moderada social-democracia até o socialismo revolucionário”³⁵.

Porém, quando observamos suas leituras e imagens sobre tais tendências, evidenciamos um debate do passado no presente. O discurso apresenta, efetivamente, permanência da imagem interna logo que a

Convergência Socialista na época dos altos dos anos 80 era uma tendência política que mais se destacavam nos embates políticos. Para eles, a 'Democracia' servia apenas como tática política, já que a sua principal meta era a revolução socialista. Posteriormente a Convergência seria expulsa do partido por seu radicalismo e sectarismo/intolerância e fundará o PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado) em menos dos anos 90³⁶.

Aqui temos três elementos interessantes que mostram, além da imagem negativa, as posições trotskistas desta organização. A primeira, a relação entre democracia e capitalismo, onde não há escolha legítima ou instituição sem um caráter de classe, sendo a participação eleitoral parte da estratégia revolucionária. A segunda, a intransigência política teve uma consequência política: a expulsão do PT. Se o debate político democrático sempre foi essencial para os dirigentes petistas, por que as posições 'sectárias' levaram à exclusão de uma tendência inteira?

Sabemos que, no período entre a legalização do PT e o impeachment de Fernando Collor de Melo, aconteceu uma adaptação de toda a esquerda brasileira com elementos e aspectos, objetivos e subjetivos, inclusive relacionados a efetivação do nosso regime político na cena brasileira. Desta maneira, entendemos que o contexto das origens do PT determina relações com os trotskismos e suas organizações; não sendo diferente, no decorrer deste processo que leva a uma separação política. Contudo, podemos perceber isso, na leitura feita por Vieira:

Deu para compreender que a CS [Convergência Socialista] funcionava dentro do PT, como partido, com ideias e jornal próprio. Podemos dizer que essa tendência era independente e

³⁵ VEIRA, Gerson Peixoto. As origens do PT em Manaus. Monografia (1999), p. 14.

³⁶ VEIRA, Gerson Peixoto. As origens do PT em Manaus. Monografia (1999), pp.15-16



apesar de atrapalhar um pouco o partido, pois causava divisões internas pelo seu sectarismo, por outro lado, ela forçava as discussões polêmicas e levava o partido mais à esquerda³⁷.

Aqui percebemos a diferença política que aumentava e se acirrava no decorrer da construção, adaptação e crescimento institucional do PT de lado; e a consolidação da nova república até início da década 1990. Onde essas concepções distintas de partido e militância são o ponto chave, inclusive para entender, as imagens e representação sobre a Convergência Socialista que permaneceram na esquerda brasileira.

Esta é uma edição extra onde registra o lançamento do manifesto do Partido dos Trabalhadores aprovado em fevereiro do mesmo ano. Além disso, apresentar algumas ideias básicas “definitiva organização dos trabalhadores amazonenses em torno do seu partido, o PT”³⁸ E ainda mais, “ao tomar conhecimento das propostas políticas do PT, os trabalhadores amazonenses tão explorados pelas multinacionais e nacional da Zona Franca e ternos enganados pelos políticos picaretas dos partidos burgueses começarão a ganhar a consciência necessária para repudiar a miséria, a fome, o engodo, a repressão e construir o fato novo que é o PT a força dos trabalhadores, um partido sem patrão”³⁹.

Entre outras matérias na mesma página com título 'PT-Amazonas: o que deve inicialmente ser feito' e promove uma relação entre partido nacional e localização regional. O PT de lá nasceu das grandes mobilizações; o daqui irá apoiar as autênticas lideranças. (p.2) De fato é, num cenário praticamente oposto. Na segunda parte tem a seguinte questão: o que fazer? Ali de forma detalhada apresenta a estrutura por baixo do partido: um trabalhador deve juntar a outros e criar um núcleo do PT, e o núcleo deve localizar-se numa categoria, trabalho, moradia, etc.

Cada núcleo deve começar a se reunir para discutir os problemas dos trabalhadores, agir para a soluções desses problemas, levar as propostas do núcleo de base ao nucleo municipal, participar da discussão do programa do Partido e do seu manifesto,

³⁷ VIEIRA, Gerson Peixoto. As origens do PT em Manaus. Monografia (1999), p.16.

³⁸ Jornal A Lucta Social. n° 003, março de 1980, p.2.

³⁹ Jornal A Lucta Social. n° 003, março de 1980, p.2.



trabalhar pela formação de novos núcleos do PT e lutar pelo programa do Partido"⁴⁰

E não termina aí, propõe o jornal a seguinte dinâmica:

Para começar um núcleo do PT a LUCTA SOCIAL sugere quatro reuniões. Na primeira reunião deve ser discutido: qual é a diferença entre o PT e os outros partidos? O que quer dizer um "partido dos trabalhadores"?⁴¹

O que significa um partido criado de baixo para cima? O que significa um partido de massas? O que significa um partido com democracia interna?

E na reunião seguinte discutir questões sociais e econômicas. Acredito que há uma contradição em certa medida, logo se era discutir os problemas, porque iríamos dar sentido ao partido?

Na matéria de página inteira (página 3), apresenta um método de elaboração do programa, uma concepção de programa do PT, elementos sobre partido de massa, sobre socialismo e um "programa para democracia". Aqui especificamente, podemos entender a partir das posições qual era o debate da concepção partidária em todo do PT no Amazonas. O manifesto do PT é a última matéria do jornal, caso se lesse por inteiro, e forma linear, chegaríamos no texto nacional com uma leitura quase regionalizada.

A matéria começa abordando a existência de outros documentos políticos do Partidos dos Trabalhadores (Carta Princípios, Plataforma de 1979, Declaração política de São Bernardo de 1979) e considera que os diversos documentos públicos "marcam os diversos momentos de contrição do movimento, até sua mais recente forma, onde o propósito de criação do partido já assume as características mais acabadas"⁴². Isto é, está pronto, como organização política, onde cabe tomar posição, logo que também, o partido já existe principalmente a nível nacional.

Ainda neste subponto, explica a matéria que não elabora um programa para TSE, isso é fácil fazer. Logo que "o programa deverá surgir das bases sociais sobre as quais se apoiará o partido, das bases sociais que construirão o partido". E, conseqüentemente, são organizadas as instâncias partidárias como a

⁴⁰ Jornal A Lucta Social. n° 003, março de 1980, p.2.

⁴¹ Jornal A Lucta Social. n° 003, março de 1980, p.2.

⁴² Jornal A Lucta Social. n° 003, março de 1980, p. 3.



Coordenação Nacional Provisória, logo que está além da questão de número, pois representam pontos de vista das classes e movimentos sociais, estes são o motivo de ser do partido. Porém, aparece uma questão, que sem dúvida envolve a concepção de partido:

A Coordenação Nacional, pois, entrega aos militantes esse conjunto de sugestões, para que os núcleos o discutam. É óbvio que os militantes poderão aceitá-lo, emendá-lo, fazer sugestões parciais, sugerir cortes, e mesmo rejeitá-lo totalmente, exercendo plenamente suas condições de **militante**⁴³(p.3)

Abertura política (ou os limites dela) a partir de um jornal trotskista

Nesta quarta parte do nosso texto, faremos uma abordagem sobre o trotskismo em seus diversos elementos: parte do seu histórico, sua definição teórica e a prática a partir do contexto brasileiro entre as décadas 1980-1990. O propósito não é apenas identificar esses elementos, mas apresentar uma curta análise onde a prática relaciona-se com determinado contexto histórico. Isso será feito através das páginas do jornal *Convergência Socialista*, da corrente sindical e política do mesmo nome.

Primeiramente, antes de entramos no debate em si, o Trotskismo é um movimento político surgido nos anos 20 dentro das lutas internas do Partido Comunista da União Soviética. Naquele contexto, é um termo cunhado pelo seu principal adversário: Josef Stalin. Logo organizou uma Oposição de esquerda que disputou nos primeiros anos depois da morte de Wladimir Lenin os rumos tanto do partido como do novo Estado operário, produto da primeira revolução socialista vitoriosa no planeta. Contudo, tanto Leon Trotsky como seus partidários entenderam que Stalin não seria senão a expressão de uma nova camada social que havia destruído, em função dos seus próprios interesses, o poder operário.⁴⁴

No livro de Daniel Bensaid, *'Trotskismos'* (2008), o autor nos apresenta outros elementos em torno do termo "trotskista" como uma qualificação pejorativa e estigmatizante forjado pelos seus adversários. "Nos anos 1930, na época dos processos, quando soava a meia-noite no século, as inteligências servis

⁴³ Jornal A Lucta Social. n° 003, março de 1980, p. 3.

⁴⁴ COGGIOLA, Osvaldo. **O trotskismo na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.9.



do Kremlin inventariam mesmo o oxímoro de "hitlero-trotskyismo". Nos anos 1960, Léo Figueres, escriba zeloso do estalinismo à francesa, insistia ainda em um *factum* de encomenda: "o trotskyismo, esse anti-leninismo"⁴⁵. Isto é, o movimento trotskyista é um setor à esquerda dentro do movimento comunista internacional. Porém:

Se, no singular, o trotskyismo remete para uma origem histórica comum, o termo serviu demasiado para ser utilizado sem um prudente plural. A partir da bagagem programática constituída por Trotsky entre as duas guerras, os acontecimentos maiores do século produziram diferenciações tais que o que distingue e opõe as diferentes correntes saídas do "trotskyismo" é por vezes tão ou mais importante do que o que as aproxima. Em termos de herança, a piedade filial nem sempre é a melhor prova de fidelidade e há frequentemente mais fidelidade na infidelidade crítica do que na beatice dogmática. É, portanto, mais conforme à realidade falar em trotskyismos no plural, em vez de do trotskyismo no singular⁴⁶.

Desta maneira, entendemos que esta corrente política marxista, localizada a partir movimento comunista, não pode ser analisada de forma homogênea, principalmente depois de período pós-guerra, onde a relação entre os grupos e militantes com essa tradição política marxista não é igual à teoria do próprio Leon Trotsky. E não apenas isso, logo que "os hábitos da luta a contra-corrente podem virar para o sectarismo. A desproporção entre a atividade teórica e a possibilidade de verificação prática leva a um exacerbar das disputas doutrinárias e ao fetichismo dogmático da letra."⁴⁷ Portanto, como existiu um povo do livro, tenha um comunismo do livro.... para onde as divergências táticas serão questões de vida ou de morte para aquela organização ou militante.

Essa é uma corrente, ou melhor uma tradição política, que durante toda a época pós-guerra do lado capitalista do planeta foi minoritária e não escapou ilesa ao ritmo violento e incerto dentro do movimento operário dirigido majoritariamente pelo stalinismo. Como também caiu quase na tentação de mistificar o bolchevismo como sagrado. Isso podemos perceber na dinâmica política nas últimas décadas do século XX da Convergência Socialista no Brasil.

⁴⁵ BENSALD, Daniel. **Trotskyismos**. Trad: Sergio Vitorino. Lisboa (Portugal): Edições Combate, 2008, p. 14.

⁴⁶ BENSALD, Daniel. **Trotskyismos**. Lisboa (Portugal): Edições Combate 2008, pp.15-16.

⁴⁷ BENSALD, Daniel. **Trotskyismos**. Lisboa (Portugal): Edições Combate, 2008, p.17.



Conforme Daniel Bensaid, o cenário político internacional no início dos anos 1980, a contraofensiva liberal, a nova corrida ao armamento na administração Reagan e a guerra americana de “baixa intensidade” na América Central marcaram uma mudança radical relativamente à década precedente. A União Soviética enredava-se na estagnação brejneviana⁴⁸. O movimento operário internacional estava limitado à defensiva sob quase todas as frentes.⁴⁹ Isso tudo significava que as diversas correntes de origem trotskista tinham leituras quase opostas, não apenas no aspecto programático, mas na análise geral sobre o capitalismo na situação internacional que, em certa medida, refletia na orientação política nos países onde promoviam sua atividade instrucional, sindical, juvenil e popular.

Uma das maneiras de observarmos a relação entre essas organizações e o cenário político nacional talvez seja através da sua imprensa socialista. Porque é uma atitude comum das organizações trotskistas a confecção e circulação de imprensa própria como ferramenta de intervenção e orientação política. Então, abordaremos primeiramente algumas matérias do jornal *Convergência Socialista* sobre o arcabouço jurídico autoritário do regime político que ameaça manter-se fechado, impasse principal do partido burguês da transição política e a crise capitalista no final da década 1980.

Selecionamos o artigo *Figueiredo, por onde anda a tal abertura?*, do *Convergência Socialista* nº 24 do início de 1980, que não é assinado por ninguém. Isso talvez fosse parte daquela atmosfera onde a repressão parece evidente.

Neste artigo, existem quatro pontos, onde cada um relaciona um tema, mostra certamente o cenário institucional: ditadura militar. Os pontos são: Expulsão de um padre estrangeiro; julgamento de um professor dirigente sindical; a morte de um operário em São Paulo; e suspensão de uma investigação

⁴⁸ BENSAID, Daniel. **Trotskismos**. Lisboa (Portugal): Edições Combate 2008, p.122.

⁴⁹ Este recuo saldava-se por derrotas sociais severas, como a da greve dos mineiros britânicos em 1984, a derrota das mobilizações em defesa da escala móvel de salários, em Itália em 1985, as derrotas sindicais nos Estados Unidos e no Japão. Em França, a "viragem do rigor" selava a conversão do Partido Socialista ao social-liberalismo. BENSAID, Daniel. **Trotskismos**. Lisboa (Portugal): Edições Combate 2008, p.122



legislativa. Porém, a cada caso descrito, o jornal apresenta quais são esses limites institucionais. Portanto, no conjunto dessas histórias não parecem desconectadas.

O primeiro ponto é o processo de expulsão do padre Vito Maracapilho que é estrangeiro. Neste caso, diante de seu “crime”, é processado de acordo com Lei dos Estrangeiros. Este é um processo transcorrendo no Supremo Tribunal Federal (STF); mesmo como vários ‘*Habeas corpus*’, essa instância do judiciário brasileiro decidiu pela expulsão. O jornal registra um dos argumentos do julgamento, em que o estrangeiro “admitido em território nacional não pode exercer atividade de natureza política, nem se imiscuir, direta ou indiretamente nos negócios públicos do Brasil”. Isto é, o padre abusou nessa lei, por isso é um criminoso que precisa de punição de acordo com a Lei dos Estrangeiros.

Depois de informar a situação, o jornal *Convergência Socialista* apresentou a sua opinião, que se percebe não apenas o caso, mas amplia-se ao contexto nacional, a partir de aspecto jurídico.

Num país governado há 16 anos por uma ditadura militar que criou. Fez aprovar, decretou uma milha de leis repressivas que acabara com a constituição nacional, que funcionou todo este às custas de atos institucionais e decretos leis, tal afirmação é uma piada. Pois num país em que o governo faz as leis quando bem entende, a questão até mesmo do ponto de vista jurídico burguês é a legitimidade destas leis.

Mas, como adiantávamos em edições passadas do CS, a Lei dos Estrangeiros tinha um caráter preciso: dar ao governo mais um instrumento de repressão contra os trabalhadores e militantes do movimento popular. A expulsão do Vito tem assim um caráter de ataque ao movimento operário e popular, independentemente de qualquer concordância com o trabalho do padre ou suas atitudes. O que o governo está acatando é o direito democrático de um estrangeiro de estar no Brasil, quando este não convém à ditadura e à burguesia.⁵⁰(Grifo do jornal CS)

Aqui percebe-se como o regime político constrói e aplica as leis ou como funciona o arcabouço jurídico até 1988. Sim, apenas a partir de uma nova constituição que as leis têm regras republicanas para sua promoção. A questão que aparece também é o caráter de classe que é colocado em contradição, logo que até, dentro do direito burguês, o alicerce fundamental é a legitimidade.

⁵⁰ Jornal **Convergência Socialista**. Número. Ano II, n° 24 – primeira quinzena de 1980.



Então, o regime político, da ditadura militar, estava fora até de um padrão empresarial, liberal e ocidental.

O jornal questiona a presença de empresários estrangeiros e que é necessário ampliar a denúncia de expulsão como vítima da Lei dos Estrangeiros. Há um subtítulo no ponto que se refere à origem da tal lei. De acordo com jornal, esta é uma iniciativa coordenada pelas ditaduras do Cone Sul em 1975 “que decidiu um acordo de unificação das políticas de repressão permitindo a colaboração dos governos contra o movimento de massas de cada um deles”.⁵¹ E ainda mais, tal lei vai contra a permanência de 100.000 refugiados que se encontravam no Brasil, onde o caráter das expulsões se assemelha às primeiras leis na Primeira República [sobre estrangeiros] e à lei anterior de 1969.

O jornal termina numa perspectiva para o Partidos dos Trabalhadores (PT), que “uma vez tem aí um prato cheio e de difícil digestão, mas é necessário encará-lo. Afinal, este país não é um oásis, mas são 100.00 pessoas que vieram a ele para escapar às mais brutais ditaduras cabe defendê-las encarniçadamente”⁵². Portanto, esse caso, como a situação dos imigrantes deveria ser parte das pautas da nova organização política que nascia no início daquela década de transição entre regimes políticos.

No segundo ponto deste mesmo artigo, aparece o julgamento do professor Davi Maximiliano acusado de “porte de artefato explosivos” depois de que ficou impossível da própria polícia manter a versão de “ato terrorista” contra Figueiredo. O artigo não informa quem seja o professor citado, contudo o propósito desta parte é promover um desagravo ou denúncia contra a atitude policial que se mantinha intencional e premeditada.

De acordo com o jornal, essa farsa em torno do “ato terrorista” mostra a disposição dos aparelhos de repressão de atacar os ativistas sindicais, e o exemplo disso são as duas decisões, uma aceitando a prisão preventiva contra as diligências de defesa não cumpridas pela polícia e o DOPS, apenas uma das 43 solicitadas. Conforme o jornal, eram “diligências que abriam o caminho para elucidação da presença de um tal de ‘Flávio’, apontado como responsável pela provocação, cujo nome completo e endereço foram fornecidos à Polícia que nada

⁵¹ Jornal **Convergência Socialista**. Número. Ano II, nº 24 – primeira quinzena de 1980.

⁵² Jornal **Convergência Socialista**. Número. Ano II, nº 24 – primeira quinzena de 1980.



fez. Assim foi também com a solicitação para uma investigação junto às fábricas de explosivos de Minas.”⁵³

Além das autoridades não promoverem o contraditório neste processo, busca-se condenar o acusado a 12 anos de prisão. O detalhe registrado pelo jornal é que processo se baseia em apenas uma prova que é o Ato de Apreensão com testemunhos que chegaram horas depois no local dos fatos. O professor, que é dirigente União dos Trabalhadores em Educação de Minas, recebe diversas demonstrações de solidariedade de outros dirigentes sindicais, partidários e parlamentares. Deseja-se a liberdade imediata diante dessa arbitrariedade. Nesse outro caso, tão interessante como o primeiro, a questão ainda gira em torno de como as instituições naquele contexto político e social administravam seus próprios procedimentos jurídicos, aqui não configura um desrespeito às leis, mas sua anulação procedimental. Isso é de fato a criminalização da atividade política e social nos tempos de “abertura política”.

O terceiro ponto é sobre ato público em memória de Santos Dias da Silva, destacado membro da Pastoral Operária e morto ano passado (1979) por um policial militar de uma patrulha que investiu contra um grupo de metalúrgicos que se postavam na frente de uma indústria, durante a greve de outubro de 1979. Assim “as faixas e cartazes lembravam a morte de Santo e a impunidade do policial que o matou, já identificado, mas cujo processo vem sendo postergado” A última afirmação do jornal, mostra um dos seus aspectos de justiça quando “acerto de contas passa pela mobilização popular”⁵⁴.

Essa última afirmação dessa parte remonta mais à leitura da organização política que promove esse periódico. A lei em si, na sua essencial burguesa, não responde às necessidades de uma classe social, nem de longe corresponde como uma ferramenta real de justiça. Apenas o povo tem a legitimidade de promover a justiça, inclusive de caráter criminal. Logo, a Convergência Socialista não foge de uma interpretação marxista sobre o regime jurídico no capitalismo.

No quarto ponto, informa da suspensão das atividades da Comissão Especial de Inquérito⁵⁵, organizada por parlamentares opositores do PMDB,

⁵³ Jornal **Convergência Socialista**. Número. Ano II, nº 24 – primeira quinzena de 1980.

⁵⁴ Jornal **Convergência Socialista**. Número. Ano II, nº 24 – primeira quinzena de 1980

⁵⁵ **Comissão Especial de Inquérito - CEI** (Ou Comissão Parlamentar Inquérito - CPI) é uma investigação conduzida pelo Poder Legislativo, que transforma a própria casa parlamentar em



PT e PDT. Isso corre devido ao ‘Habeas corpus’ concedido pela justiça criminal do Tribunal de Justiça de São Paulo aos funcionários envolvidos, liberando de prestar depoimento. Porém, essa comissão legislativa confirma ter elementos para denunciar o prefeito e o governador⁵⁶ em relação ao episódio. Aqui ainda precisamos verificar melhor a situação, o fato, mas não reduzir o propósito da nossa análise: entender a transição do regime através dos limites institucionais. Dá para entender que o crime (a morte do metalúrgico Santos dias) não tem relação com funcionários, mas com chefes dos governos. Portanto, a opinião do jornal é

Mais uma vez fica evidente os limites para incriminar elementos ligados ao governo e a polícia em qualquer episódio em que estes atacam a população.

Mas mais importante é frisar que uma CSI não tem o simples caráter de tenta incriminar ‘legalmente’ os atentados e agressões, mas servir de instrumento de denúncia, de investigação. Neste sentido a CEI da Assembleia [Legislativa] cumpriu um bom papel ao apontar em dois meses uma centena de implicados simples inexistentes pelos inquéritos desenvolvidos pelo DOPS paulista⁵⁷.

Nestes últimos pontos do artigo, observa-se que o limite institucional não é apenas a lei ou a falta de processo jurídico correto, mas as instituições ainda correspondiam à essência do regime militar: uma exceção política e jurídica no Brasil. Por tanto, havia conforme jornal, a “necessidade de continuar denunciando e exigindo punição aos responsáveis sempre teve de passar pela mobilização popular e de seus organismos”. Isto é, não é apenas uma questão institucional, mas justiça social.

Os quatro casos aqui verificados correspondem de conjunto à situação das instituições, das leis e até próprio do procedimento jurídico regular do regime que começou sua etapa final. Além de uma leitura marxista, onde o Estado nem longe corresponde à necessidade de classe trabalhadora, apresenta em exemplos ou situações registradas aqui e ali dentro do periódico. Este é apenas um fragmento que nos mostra o espaço que podemos explorar e montar sobre o período de transição do regime de exceção para democracia.

comissão para ouvir depoimentos e tomar informações diretamente, quase sempre atendendo a reclamações do povo.

⁵⁶ O jornal *Convergência Socialista* não cita diretamente, contudo, quem estão nos respectivos cargos em janeiro de 1980 são: Reinaldo Barros (Prefeito) e Paulo Maluf (Governador)

⁵⁷ *Jornal Convergência Socialista*. Número. Ano II, nº 24 – primeira quinzena de 1980.



Na matéria ‘Um golpe contra a democracia’, o jornal *Convergência Socialista* n° 62 de outubro de 1985 denuncia uma manobra por parte do governo José Sarney em forma de emenda sobre como promoveria a nova Constituinte. avaliada por uma comissão parlamentar mista sob a relatoria de um deputado PMDB. Esse mesmo deputado, acrescentou novas propostas afirma o jornal. Entre elas, a promoção de um plebiscito em março de 1986 para uma constituinte independente do Congresso Nacional ou um Congresso constituinte. Contudo, a questão esteve em torno de outra questão:

Segundo ela [uma das propostas], apenas os partidos podem apresentar candidatos, ficando assim inviabilizadas as candidaturas avulsas; não se revogariam as demais leis repressivas, como a Lei de Imprensa e a Lei de Segurança Nacional; não haveria representação proporcional direta dos deputados eleitores [eleitos] em relação ao número de eleitores⁵⁸.

A matéria continua apresentando todo jogo político entre PMDB, PFL e PDS sob substituição da relatoria, onde parte dessas propostas, que representavam uma real correlação de forças dentro da institucionalidade. Porém, essa matéria expressa duas opiniões sobre a transição do regime e conjuntura política. Primeiro, que Aliança Democrática tinha a palavra de ordem “Muda Brasil” antes do Colégio Eleitoral é apenas uma frase de efeito, enquanto o tamanho da democracia e salários continuavam pequenos. A segunda, sobre a Constituinte

A Constituinte tem uma grande importância para trabalhadores, pois atrás dela se fará uma nova Constituição. Quanto mais livre, democrática e soberana for esta Constituinte mais as novas leis refletirão as necessidades dos trabalhadores e da população.⁵⁹

Entretanto, a questão de manter o regime fechado não relaciona somente com suas instituições, mas também seus partidos, principalmente porque em torno do maior deles organizava a transição, de certa forma conservadora, de regime político, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB. Na matéria ‘Cresce a instabilidade da Nova República’, o jornal *Convergência Socialista* n° 134 de outubro de 1987 informa que, naquele segundo semestre de 1987, o PMDB promove uma convenção para definir algumas diretrizes política

⁵⁸ Jornal **Convergência Socialista**. n° 62 (Outubro 1985) p.3.

⁵⁹ Jornal **Convergência Socialista**. n° 62 (Outubro 1985) p.3.



com participação de figuras importante da conjuntura política como Ulisses Guimaraes.

A matéria do *Convergência Socialista* apresenta esse "fórum" do partido do governo como uma instância partidária numa análise de verossimilhança com partido à esquerda na situação política de transição dor regime. Isso fica evidente na primeira linha onde "esta convenção demonstra com clareza como atual um partido burguês. Brigam pelos cargos e para ver quem vai mandas aqui ou ali. Mas sempre estão unidos quando se trata de atacar a arrochar os trabalhadores"⁶⁰.

A matéria identifica quem participou dessa convenção, como Fernando Henrique, Celso Furtado, [Mário] Covas onde apresentam um documento anteriormente repudiado no Congresso Nacional. E o jornal confirma a leitura do Bresser que disse "o PMDB no governo tinha que abandonar pontos de seu programa, principalmente no que diz respeito às reivindicações dos trabalhadores"⁶¹. Porque, naquele instante, ainda informa a matéria, a política econômica foi ruim em vários aspectos nos fatos em torno de câmbio, gasto público, arrocho salarial e inflação.

Entretanto, o texto fala em 'instabilidade', onde afirma a partir de alguns elementos. Primeiro de uma quantidade significativa de candidatos à presidência. Outra que cada cacique levou seus "correligionários" onde prevalece a disputa aberta e incontrolável pelo poder. Isso tudo, influenciaria na "transição" através do plano Bresser, logo que um lado a dívida externa, e de outro, a luta dos trabalhadores, balançam a base de sustentação da nova república.

Na matéria 'Economia Mundial: a crise bate à porta' do jornal *Convergência Socialista* nº154 de dezembro 1987 uma questão em torno da economia mundial: o crack. Este é a quebra ou desvalorização rápida do capital especulado nas bolsas de valores. Inclusive, deixa-se uma perspectiva: o capitalismo está doente e aproxima-se duma nova crise. A matéria identifica as crises crônicas que ocorrem depois de período de crescimento no pós-guerra de 1967-68, em 1974-75, em 1981-82, onde mesmo recuperando nos intervalos ocorria de forma fraca e restrita.

⁶⁰ Jornal **Convergência Socialista**. nº 134 (Outubro 1987) p.3.

⁶¹ Jornal **Convergência Socialista**. nº 134 (Outubro 1987) p.3.



A base da crise financeira e econômica é o centro do capitalismo pós-guerra: Nova Iorque. Logo, "a política econômica de Reagan, desde que assumiu seu primeiro mandato, em 1980, provocou profundas mudanças na estrutura economia do país". Isto é, havia um investimento público em torno do crescimento sobre área militar, incentivo às grandes indústrias e abertura dos mercados estrangeiros. E seguem:

Durante alguns anos, esta política parecia que estava dando certo. Mas logo todos os desequilíbrios causados estouraram. Os investimento e armamento provocaram um fanático déficit orçamentário (o estado gastava muito mais do que recolhia). Os incentivos aos grandes conglomerados não impediram que, fugindo das taxas de lucro baixas, os capitais saíssem da indústria e fosse parar no setor de serviços: bancos, seguradoras [...] Resultado: a indústria começou a definhar. Entre 1980 a 1985 foram eliminados 1.5 milhões de empregos industriais. Ao mesmo tempo produtos estrangeiros passaram a ganhar cada vez mais espaço no mercado norte-americano (veja gráfico). Tudo isto custou um déficit comercial monstruoso⁶².

Por fim, observamos que essa última matéria, além apresentar uma leitura sobre a situação internacional, também reproduz uma interpretação do capitalismo. As demais matérias correspondem no geral ao contexto brasileiro, onde o autoritarismo ainda se apresenta em diversas formas, como mostra uma perspectiva da dinâmica transição do regime.

A Convergência Socialista em Manaus

Essa obra, além fazer um histórico breve sobre o movimento trotskista, apresenta todo o cenário internacional deste movimento na década 1980-1990. Aqui temos uma leitura mais próxima daquele contexto sobre o qual nos propusemos a abordar e refletir. Isso vindo de um militante nos dá mais possibilidade dentro da pesquisa, com novos personagens, além dos indicados no projeto de pesquisa.

Conforme o autor, o Trotskismo é uma vertente do marxismo com origem dentro do processo revolucionário russo no início século XX (1917-1921). E que dentro do processo revolucionário havia opiniões divergentes, e neste instante, Leon Trotsky surge como teórico. E sua proposta é continuar a revolução, isso é base para

⁶² Jornal **Convergência Socialista**. n° 154 (Dezembro 1987), p.4.



palavra de ordem “Todo o poder aos soviets”, isso leva a continuar formulando a partir da tese da Revolução Permanente.⁶³

Essa tese política enfrenta-se com a tese do Socialismo em um país só, defendida e chefiada por Josef Stalin. E continua o autor sobre Leon Trotsky

organiza a ‘Oposição de Esquerda’ para combater a política de Stalin. Quando Stalin começa a utilizar-se da III Internacional comunista com a convivência dos partidos comunistas nacionais, para impor sua vontade política, Trotsky, juntos com seus partidários da oposição de esquerda fundar a IV Internacional⁶⁴.

O autor apresenta o cenário pós-Trotsky quando aconteceram os “desentendimentos” entre os dirigentes da Quarta Internacional, logo nomeando as principais figuras: J. Posadas, Pierre Lambert, Michel Pablo, Ernest Mandel e Nahuel Moreno. Com também as diversas correntes do trotskismo expressas em organizações internacionais: Quarta Internacional Posada, o Secretariado Unificado, Tendência da Quarta Internacional de Reconstrução e a Liga Internacional dos Trabalhadores. Conforme o autor:

apesar desse ‘aparente’ desencontro entre os trotskistas, e ainda mais as perseguições implementadas por stalinistas e governos capitalistas, eles conseguiram se impor dentro movimento operário em várias partes do mundo. Em vários países criaram partidos de esquerda onde atuam, de forma direta ou indireta em seus processos políticos⁶⁵.

Nesta apresentação dos dois contextos onde promove-se o movimento trotskista: o da disputa com a burocracia soviética e da fragmentação da internacional fundada por Leon Trotsky. Não é uma narrativa de busca da origem em si daquele grupo regional que se adere às posições, inclusive de Nahuel Moreno, uma das principais figuras do movimento e referência, inclusive teórica, para a Convergência Socialista no Brasil. Porque o contexto regional não seria semelhante em nenhum aspecto, logo que a maioria das tendências identificadas mais à frente não tinham presença em Manaus.

Para Rebouças, a chegada do trotskismo em Manaus vem através do professor João Ricardo Bessa Freire, isso parte da política de expansão da própria Convergência Socialista (CS), logo que Ricardo Bessa foi designado pela direção

⁶³ REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 1.

⁶⁴ REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 1.

⁶⁵ REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), pp. 1-2.



nacional para organizar a tendência política e sindical presente dentro do Partido dos Trabalhadores. E continua “esse grupo, apesar de não ter uma longa duração, será de fundamental importância para a criação do trotskismo. É a partir dele, que Ricardo Bessa e estudantes como João Vasconcelos e Públio Caio trarão para o trotskismo outros estudantes como Ivanci e Salgado que, por fim, juntos consolidaram o primeiro grupo trotskista organizado de Manaus”⁶⁶.

“O Trotskismo vai surgir em Manaus, enquanto força organizada, no final da década 70 e início 80. Até antes disso, nenhum dos trotskistas do qual contactamos tem qualquer informação ou registro sobre essa organização. Se antes desse período houve alguma presença trotskista aqui, talvez tenha sido de forma isolada”⁶⁷. Isto é, não existem informações de atividade anterior, individual ou coletiva.

O autor confirma que o primeiro movimento trotskista foi a Convergência Socialista. E a mesma estava ligada a uma tendência internacional liderada por Nahuel Moreno do PST argentino que promove a Fração Bolchevique dentro do Secretariado Unificado e depois funda em 1981 a Liga Internacional dos Trabalhadores – LIT⁶⁸. Portanto, na época da instalação do trotskismo em Manaus, caracteriza o autor, “o Brasil passava por uma situação política muito difícil”. E segue:

Os militares haviam instalado-se no governo em 1964, a partir de um golpe de estado e implantado a ditadura. No final da década 70, a crise econômica juntamente com as mobilizações sociais, enfraqueciam o governo militar forçando-o a recuar com sua política de imposição. Embora tenha sido de forma lenta e gradual, mas o governo militar aos poucos foi cedendo a pressão e ‘permitindo’ uma certa abertura política. Era o que os trotskistas chamavam de ‘saída controlada’⁶⁹

Desta maneira, continua apresentando o cenário político de transição do regime a partir da crise econômica que levou os movimentos sociais às ruas, como greves operárias e mobilizações estudantis. Porém, considera a questão local, como “o movimento operário em Manaus era desarticulado, cabia somente a professores e estudantes a tarefa de lutar contra o governo e organizarem demais setores para

⁶⁶ REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 2.

⁶⁷ REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 15.

⁶⁸ REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 16.

⁶⁹ REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 16.



intervir em seus sindicatos e construïrem um partido dos trabalhadores como era proposto por intelectuais, estudantes e trabalhadores em São Paulo”⁷⁰.

Conforme o autor, existem pessoas que se destacaram na direção do movimento de professores e estudantes, contribuindo para as forças de oposição na cidade, e que respectivamente se organizavam no Trotskismo, sendo eles: Aloysio Nogueira, Ricardo Bessa, Ribamar Bessa e Osvaldo Coelho, e os estudantes, José Sardinha, João Vasconcelos, Raimundo Nonato, Gamelo Neto, Públio Caio, Luiz Salgado, Ivanci Vieira, Arinete, Irinéia Vieira e Vilmar Parreira. Porém, autor faz uma ressalva que “contribuíram com o processo de formação do trotskismo aqui em Manaus, ainda continuam no movimento político como trotskista ou não. Outras, como dizem os próprios trotskistas ‘foram criar galinhas’, isto é, cuidar de suas vidas”⁷¹

O autor usa duas entrevistas, de Ricardo Bessa e Aloysio Nogueira, para apresentar a dinâmica inicial desta corrente política a nível regional. O primeiro, o professor Ricardo Bessa, que militou no PST em São Paulo, e a partir da célula Bauru, tem como tarefa, designada pela direção nacional formar a corrente em Manaus. E o relato o foi seguinte:

a partir de uma discussão com a regional de São Paulo, sobretudo com a ratificação de São Carlos, Araraquara e Bauru, avaliou-se que era possível abrir uma regional em Manaus. Como estava me transferindo para cá, abrimos o partido aqui e criamos a Convergência Socialista, A corrente mais combativa que já se criou aqui⁷².

Informa o autor que esse pequeno grupo teve envolvimento em curto período. Há uma questão em torno no seguinte: “houve uma tentativa de organização. A verdade é que alguns membros não se atinaram com a questão da disciplina e foram desistindo do processo de organização”⁷³. O autor continua, diante do relato de Aloysio Nogueira, que acredita que debilidade de ideologia e os estudos das ideias seja motivo principal para esse primeiro grupo não se firmar.

... porque é preciso uma maior consistência ideológica e um maior estudo teórico sobre a natureza desse processo da luta dos trabalhadores desse nível organizativo como é o caso da Convergência Socialista. Também a própria condição objetiva imposta pela realidade, foi responsável, em parte, pela dissolução

⁷⁰ REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 17.

⁷¹ REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 17.

⁷² REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 18.

⁷³ REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 19.



desse grupo. A dinâmica da luta contra a ditadura, desencadeou vários processos de organização. Em 1979 juntamente com o processo de organização de um grupo bolchevique, como era o caso Convergência Socialista, tinha o movimento de consolidação da APPAM, do sindicato dos Professores, da ADUA e o processo de fundação do próprio Partido dos Trabalhadores⁷⁴.

A explicação hipotética sobre a primeira etapa da corrente política seja as diversas frentes de intervenção que exigiram, inclusive do conjunto do grupo político: disciplina forte, qualidade na leitura para análise e intervenção para movimento. Havia os que priorizavam a luta para fora, no movimento social, e outros, dentro, numa consolidação de quadros políticos, que foram a minoria.⁷⁵

Depois, o autor apresenta a dinâmica do movimento trotskista. Primeiro, o professor Ricardo Bessa que tinha uma relação orgânica com a CS desde São Paulo, manteve-se na tarefa de consolidar uma zonal [do PT] em Manaus. Segundo, Aloysio Nogueira e Ribamar Bessa formaram um outro grupo, isso estava refletido no grupo estudantil da UFAM. Buscou-se a unificação dos grupos, isso não ocorreu, logo havia desconfiança a partir de uma figura que confessou “entrismo” no movimento trotskista para impedir sua formação⁷⁶. Enfim, dos dois grupos iniciais, um se diluiu e o outro, organizado a partir dos estudantes, manteve-se. Como o autor define

Esse outro grupo formou-se a partir de uma chapa petista criada para concorrer ao Diretório Universitário, em 1979, chamada “Pé na Terra”. Essa chapa, segundo Vilmar Parreira, era formada por pessoas que, na sua maioria não eram trotskistas, talvez nem simpatizantes do trotskismo, mas que tinha um sentimento anti-stanilista⁷⁷.

Nesse cenário político de lutas, conforme o autor, a partir do testemunho de Vilmar Parreira, parte do grupo [da chapa estudantil] foi cooptado para o trotskismo. E entre esses estava Ivanci, Salgado, Arinete, Irineia Vieira, etc. Esse grupo foi quem consolidou a Convergência Socialista em Manaus, como entende o autor “a consolidação desses novos membros vai se dar dentro do processo de reorganização da esquerda, nesse processo de lutas, novos quadros foram se formando”⁷⁸.

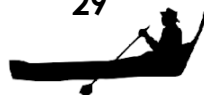
⁷⁴ REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 19.

⁷⁵ REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 19.

⁷⁶ REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 20.

⁷⁷ REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 20.

⁷⁸ REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 20.



Neste período, conforme autor, os professores formam a ADUA e a APPAM, assim como os estudantes estruturam a UNE, que organiza um CEB que reúne dirigentes de centros acadêmicos de várias universidades brasileiras. E é neste encontro que aqueles “cooptados” se aproximaram dos demais integrantes da Convergência Socialista, e será João Vasconcelos que convidará todos para um curso desta corrente política. E, a partir disso, alguns estudantes comprometidos⁷⁹. Conforme autor, a partir de Luiz Salgado, o grupo não conseguia se reunir, estavam dispersos. Logo

para que o grupo se organizasse que pudesse, mais tarde, caminhar com suas próprias pernas, a Direção Nacional da CS, mandou de São Paulo umas pessoas que cumprisse bem esse papel. Essa pessoa, conhecida como Arnaldo, era um militante experiente e que pouco antes de vir para Manaus tinha sido perseguido pela ditadura.⁸⁰

Foi quem organizou inicialmente esse novo grupo, passaria a ser a Convergência Socialista em Manaus. Uma questão de segurança é colocada pelo autor. No primeiro momento, reunia-se na casa de Luiz Salgado, na Monsenhor Coutinho, mas depois, decidiu reunir em lugares alternados, devido à leitura de que, mesmo sem repressão, naquele contexto político de ditadura militar, não poderia abrir mão da segurança das pessoas.

O primeiro local de reuniões fixas deu-se no Hospital Eduardo Ribeiro, na Chapada em 1981. Luiz Salgado nos que, João Vasconcelos, que era estagiário do hospital, viu que lá havia uma sala que vivia desocupada. Como ela estava sempre trancada e ninguém a ocupava, ele resolveu levar o grupo da CS para ali fazer suas reuniões. Foi ali que a Convergência passou a ter suas reuniões fixas e atuar de forma organizada nos movimentos [sociais]. Nesse segundo momento as principais lideranças eram: Salgado, Ricardo Bessa e Ivanci⁸¹.

O autor apresenta as três frentes deste novo grupo: o movimento estudantil, dirigindo centro acadêmicos e núcleo estudantil do PT; em seguida, o movimento operário, assim como a formação do Partido dos Trabalhadores (PT). O PT era um partido que funcionava como frente política, havia agrupado diversas opiniões, inclusive da intervenção política na sociedade. Conforme testemunho de Ricardo Bessa, “participamos da fundação do PT e empurramos o PT para esquerda. Legalizamos o PT na luta. Tinha uma visão que defendia a legalização do PT para

⁷⁹ REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 20.

⁸⁰ REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 21.

⁸¹ REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 21.



dar resposta à ditadura, e a nossa posição era de legalizar o PT na luta, de enfrentamento com a ditadura. Fizemos isso e legalizamos o PT”⁸².

Por fim, o autor aborda a parte operária da Convergência. Os trotskistas ajudaram a organizar a oposição metalúrgica, e será essa oposição montará a chapa ‘Puxirum’ que trazia na composição Jaques Manuel de Castro, um militante da Convergência Socialista como candidato a presidente do sindicato. Contudo, seu nome foi substituído por Ricardo Moraes, pois foi demitido da empresa que trabalhava. E conclui o autor

Em um ano, atuando enquanto corrente organizada, a Convergência Socialista já era bastante conhecida pela vanguarda do movimento. Ela não chegou a ser um grupo majoritário dentro do movimento político de Manaus, mas, segundo Luís Salgado, até hoje a sua militância é respeitada pelas demais forças política de esquerda. A Convergência Socialista soube se impor e ocupar seu espaço dentro do processo de lutas pela derrubada da ditadura e pelo ideal socialista⁸³

Esse último ponto teve o papel de promover uma reflexão em torno da origem e presença do trotskismo em Manaus a partir da atividade da Convergência Socialista. E deu para perceber quais eram as figuras públicas, onde incorporam no movimento social e imagem se tinha da própria corrente dentro do Partido dos Trabalhadores. Essa foi apenas uma etapa e uma visão da corrente trotskista amazonense.

Além disso, percebemos qual a visão e a concepção de Partido prevaleceu muito longe de uma imagem vanguardista, mas também nem se pode considerar uma organização essencialmente da classe operária. O perfil e a composição do que seja um partido popular extrapolou um teorema revolucionário. E não conseguir consolidar-se numa oposição definitiva dentro do cenário político regional depois de décadas governos neoliberais.

Por fim, há ainda um grande caminho desta pesquisa por percorrer. Considerando estes e outros elementos políticos e partidários, nacionais e regional, ligado ou não à tradição marxista radical como trotskismo.

⁸² REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 22.

⁸³ REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998), p. 23.



Conclusão

Acredito que alcançamos, ainda que de forma parcial, aquilo que desejamos considerar dentro do nosso objeto de estudo. Apesar de elementos pertinentes ao contexto, onde elenca-se a origem e contexto das organizações políticas. Também se mostrou um cenário político anterior onde prevalecia o autoritarismo a partir do desgaste institucional dos governos militares desde meados da década 1970. De fato, é uma outra fase que passa a esquerda regional e nacional.

A Convergência Socialista como objeto representa-se em todos os pontos organizados neste capítulo. A análise das ideias que motivam a partir de um histórico extra brasileiro à sua participação na política, e depois na principal organização política daquela transição conservadora. E ali apresentou sua leitura e interpretação da realidade da classe trabalhadora e da luta institucional. Onde precaveu uma concepção de partido muito aquém na necessidade de uma alternativa radical.

Neste capítulo, constatou-se que há uma presença do trotskismo em Manaus a partir da década de 1980, onde há uma reorganização inclusive na esquerda regional. E percebeu-se que há fases distintas dentro do período que envolve tanto a teoria como a presença nos movimentos sociais. Foi uma das organizações que consolidou novas direções para movimento social regional, como incomodou parte da esquerda retomava velhas esperanças na institucionalidade.

As obras e os estudos relacionados compreendem uma etapa do estudo, apesar de muito aquém do que foi projetado no início de 2017. Não temos muito a considerar nesse ponto, além dos limites em torno de quem promove a pesquisa. Sabemos das condições, apostamos no futuro para favorecer uma abordagem melhor.



Referências

- BENSAID, Daniel. **Trotskismos**. Lisboa (Portugal): Edições Combate, 2008.
- COGGILA, Osvaldo. **O trotskismo na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- KAREPOVS, Dainis e LEAL, Murilo. Os trotskismos no Brasil: 1966-200. In: **História do Marxismo no Brasil**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensino sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. 15ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2012.
- SAGRA, Alice. **A Internacional** – Um permanente combate contra o oportunismo e o sectarismo São Paulo: Editora Sundermann, 2010.

Fontes

- DOCUMENTOS de Fundação da IV Internacional**. Trad. Marcos Margarido. São Paulo: Editora Sundermann, 2008.
- Manifesto do Partido dos Trabalhadores**. *Movimento Pró-PT, em fevereiro de 1980, e publicado no Diário Oficial da União de 21 de outubro de 1980*
- REBOUÇAS, João. **O Trotskismo em Manaus**. Monografia (1998)
- VEIRA, Gerson Peixoto. **As origens do PT em Manaus**. Monografia (1999)
- Jornal **A Lucta Social**. n° 003, março de 1980,
- Jornal **Convergência Socialista**. Número. Ano II, n° 24 – primeira quinzena de 1980
- Jornal **Convergência Socialista**. n° 62 (outubro 1985)
- Jornal **Convergência Socialista**. n° 134 (outubro 1987)
- Jornal **Convergência Socialista**. n° 154 (dezembro 1987)

